

ENSINO DE GÊNEROS TEXTUAIS ESCRITOS: UM ESTUDO DE CASO DE UMA PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO MÉDIO

Luciana Vieira Alves Rocha¹

Maria de Fátima Alves²

RESUMO: Os gêneros textuais vêm sendo objeto de estudo de muitos pesquisadores no Brasil, por serem ferramentas indispensáveis ao ensino de língua. É através dos gêneros que as práticas de linguagem materializam-se nas atividades dos aprendizes (SHNEUWLY e DOLZ, 2008). Assim, torna-se necessário compreender as concepções docentes que subjazem a prática de ensino de gêneros escritos. Foi pensando no agir docente e na problemática do ensino de escrita, em nossa sociedade, que surgiu o nosso interesse em investigar como os gêneros textuais escritos são concebidos e explorados pelos professores do Ensino Médio. Tomamos como *corpus* para análise uma entrevista com uma professora de uma escola pública de um município paraibano e as atividades planejadas e aplicadas por ela em turmas de 3º ano do Ensino Médio, tratando-se, assim, de um estudo de caso com análise documental. Os eixos teóricos da investigação partem dos trabalhos de Bakhtin (1997); Marcuschi (2008); Garcez (2001); Beth Marcuschi, (2010), que abordam as questões relativas ao ensino de escrita de gêneros, bem como as reflexões teóricas de Bronckart (2006); Machado (2007); Medrado (2011); Lousada (2006) que focalizam o trabalho do professor à luz do Interacionismo Sociodiscursivo. As discussões presentes nesse estudo contribuem não só para a análise sobre a concepção de gênero presente no dizer da professora, mas também para refletir sobre o trabalho docente, o fazer, o pensar e o agir do professor, a partir de atividades elaboradas e propostas por ele, utilizando os gêneros como ferramentas no processo de ensino e aprendizagem da escrita.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino; Escrita; Gêneros textuais

ABSTRACT: Text genres have been studied by many researchers in Brazil as they are indispensable tools for language teaching. It is through genres that language practices materialize in the activities of apprentices (SHNEUWLY and DOLZ, 2008), thus becoming necessary to understand the teaching conceptions that underlie the practice of written genres teaching. Our interest to investigate how written text genres are conceived and explored by high school teachers emerged as a thought about how teachers perform as well as the problematic of teaching writing in our society. We took as corpus for analysis an interview with a female teacher from a public school in a small town in Paraíba along with the activities planned and applied by her in classes of the last year of high school, thus developing a case study with documentary analysis. The theoretical axes of the investigation start from the works of Bakhtin (1997); Marcuschi (2008); Garcez (2001); Beth Marcuschi, (2010), who address the issues related to the teaching of writing of genres, as well as the theoretical reflections of Bronckart (2006); Machado (2007); Medrado (2011); Lousada (2006), who focus on the work of the teacher in the light of the Socio-discursive Interactionism. The discussions shows in this study contribute not only to the analysis of the gender conception present in the teacher's discourse

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: lucianavieiracg@hotmail.com.

² Doutora pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professora adjunta da Universidade Federal de Campina Grande, onde atua na graduação em Educação e no Programa de Pós- Graduação em Linguagem e Ensino (UFCG).

but also as a reflection on her work itself, her actions, thoughts and performance derived from activities elaborated and proposed by her, using genres as tools in the teaching and learning process of writing.

KEY-WORDS: Teaching. Writing. Text Genres.

1. Introdução

Nas últimas décadas do século XX e nos dias atuais, temos percebido um crescente interesse pelos gêneros textuais/discursivos como objeto de estudo de muitos pesquisadores no Brasil, no âmbito da Educação e da Linguística Aplicada. Isto se deve ao fato de serem os gêneros ferramentas indispensáveis ao ensino de língua materna, tendo em vista a relevância que se atribui a estes no funcionamento real da língua, pois conforme expõe Bronckart e Dolz (1999) a atividade de linguagem coletiva se concretiza em múltiplos e diversos gêneros de texto, que estão adaptados a determinadas situações comunicativas. Assim, é através dos gêneros que as práticas de linguagem se materializam nas atividades dos aprendizes (SHNEUWLY e DOLZ, 2004).

Com base nisso, as práticas de ensino devem direcionar-se para o estudo dos textos que circulam na sociedade e que estão materializados nos gêneros, possibilitando aos aprendizes desenvolver competências interpretativas, discursivas e que sejam capazes de produzir textos que circulam também nas esferas extraescolares.

Contudo, apesar de todas as reflexões sobre um ensino de língua portuguesa que considere os gêneros como objeto de estudo e o texto como unidade de ensino-aprendizagem e do grande número de pesquisas existentes na área, a exemplo de Miranda (2015), Geraldi (1991, 1997), Antunes (2003), Shneuwly e Dolz (2004), Rojo (2005), entre outros, que apresentam perspectivas e metodologias para o trabalho com os gêneros textuais/discursivos, muitas pesquisas comprovam a natureza lacunar do trabalho com os gêneros.

Considerando essa realidade e visando trazer contribuições para o ensino-aprendizagem dos gêneros de texto, objetivamos neste trabalho, verificar a concepção docente de uma professora do Ensino Médio sobre a escrita de gêneros e sua relação com o trabalho prescrito e realizado. Para tanto fundamentamo-nos teoricamente em estudos e pesquisas desenvolvidos a partir da noção de gêneros textuais e da problemática do ensino de escrita, como os trabalhos dos teóricos Bakhtin (1997); Figueiredo e Bonini (2006); Antunes (2005); Beth- Marcuschi, (2010), bem como nos estudos que focalizam o trabalho do professor à luz do Interacionismo Sociodiscursivo, tais como: Bronckart (2006); Machado (2007); Medrado (2011); Lousada (2006), entre outros.

Assim, tomamos como *corpus* para análise nesta pesquisa uma entrevista concedida por uma professora de escola pública do Município de Fagundes-PB e atividades planejadas e aplicadas pela docente em turmas de 3º ano do Ensino Médio. Portanto, este trabalho parte da análise de documentos (entrevista e atividades) relacionando-os com a prática de uma professora em específico, caracterizando a pesquisa como um estudo de caso. Diante disso, as discussões presentes nesse estudo podem

contribuir não só para a análise sobre a concepção de gênero presente no dizer da professora, como também oferece uma reflexão sobre o trabalho docente, sobre o fazer, pensar e o agir do professor, a partir de atividades elaboradas e propostas por ele, utilizando o gênero como ferramenta no processo de ensino e aprendizagem da escrita.

O presente trabalho organiza-se nas seguintes seções: 1. Introdução; 2. *Escrita de gêneros textuais no contexto escolar: concepções e práticas de ensino*, onde discutimos a escrita de gêneros textuais no contexto escolar, focando as concepções e práticas de ensino; 3. *Um breve panorama sobre o trabalho docente na perspectiva do ISD*, no qual abordamos a questão do trabalho docente, do prescrito e do realizado, à luz do ISD; 4. *Descrição e análise dos dados*, onde apresentamos a concepção docente da professora, colaboradora da pesquisa, estabelecendo a relação com suas práticas de ensino de escrita de gêneros; 5. Comentários finais.

2. Escrita de gêneros textuais no contexto escolar: concepções e práticas de ensino

A questão dos gêneros textuais tem sido o foco de muitos estudos e reflexões no que diz respeito ao ensino de língua no Brasil, principalmente após a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) que evidenciam a importância do texto no ensino de Língua Portuguesa, sendo este considerado como uma unidade que se amplia na concepção dos gêneros, os quais foram tomados como objeto para o ensino, por serem considerados os condutores de todo o tipo de análise quer seja linguística, quer seja textual, sendo também através deles que se constituem todo o tipo de comunicação verbal e não-verbal. Em consonância com isso, Dionísio; et.all (2003), ressaltam que “Todos os textos se manifestam sempre num ou noutro gênero textual, um maior conhecimento do funcionamento dos gêneros textuais é importante tanto para a produção como para compreensão”. (DIONÍSIO, MACHADO, BEZERRA, 2003, p. 32).

Desse modo, torna-se essencial que o ensino de escrita na escola priorize os gêneros que circulam socialmente. Nessa perspectiva, a escrita passa a ser entendida como um processo de interlocução entre leitor-texto-autor que se concretiza via gêneros textuais num contexto sócio-historicamente situado (BETH-MARCUSCHI, 2010). Assim, aprender um gênero deve ser visto não mais como aprender “um padrão de formas”, mas aprender a eleger adequadamente os fins que desejamos alcançar ao escrever ou falar.

Nesse sentido, a autora ainda aponta que foi através dos estudos e das reflexões feitas por Bakhtin (1895-1975) e das pesquisas da chamada ‘escola de Genebra’ que os gêneros passaram a ser concebidos em sua relação com as práticas sociais, ou seja, passou-se a considerar que os textos não funcionam de forma independente nem autônoma na produção de significação. Para Bakhtin (2000) todo uso que fazemos da língua se dá por meio de um texto/discurso oral ou escrito, que é a realização empírica de um gênero. E esses usos que fazemos são institucionalizados e legitimados por instâncias da atividade humana que são socialmente organizadas.

Uma outra perspectiva teórica, que constitui o Interacionismo Sociodiscursivo, está, de acordo com Bronckart (1999), centrada na questão das condições externas de produção dos textos, o que provoca um abandono da noção de tipo de texto, em favor da de gênero de texto e de tipo de discurso. Para o pesquisador “conhecer um gênero de texto também é conhecer suas condições de uso, sua pertinência, sua eficácia ou, de forma mais geral, sua **adequação** em relação às características desse contexto social” (BRONCKART 1999, p. 48, grifos do autor). Dessa maneira, a noção de gêneros de texto abordada pelo estudioso é a de que são como unidades comunicativas, sócio-historicamente elaboradas com recursos de uma língua natural e dependentes das situações interativas de atividades de linguagem.

Nessa mesma concepção, Dolz e Schneuwly (2004) também acreditam que é por meio dos textos que o ensino da Língua Portuguesa deve ser feito, por isso, sugerem o trabalho da língua pautado nos diferentes gêneros textuais, sejam eles orais ou escritos. Segundo os autores, os gêneros são formas de funcionamento da língua e linguagem, sendo criados conforme as diferentes esferas da sociedade em que o indivíduo circula. Eles são produtos sociais bastante heterogêneos, o que possibilita infinitas construções durante a comunicação.

Neste sentido, as práticas docentes precisam vislumbrar a formação de alunos produtores de textos diversos que sejam capazes de interpretar os aspectos ideológicos do texto, levando-os a compreenderem a importância da adequação linguística e textual para cada gênero estudado, de acordo com o contexto de produção e circulação. Pois, conforme expõem os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, “Os textos organizam-se sempre dentro de certas restrições de natureza temática, composicional e estilística, que os caracterizam como pertencentes a este ou àquele gênero”. (BRASIL, 1998, p. 23).

Assim, na atividade de produção textual, o docente deve explicitar, parcial ou amplamente, as condições de produção e de circulação, tais como: o gênero a ser produzido, o tema a ser desenvolvido, o leitor a quem o texto se destina, o registro linguístico a ser utilizado, o ambiente no qual o texto vai circular e ser lido e o suporte em que vai ser publicado. Essas condições tornam-se essenciais para uma boa produção escrita, pois orientam os alunos a pensar em quais estratégias discursivas devem usar e como organizar o texto. (BETH- MARCUSCHI, 2010).

Nesse sentido, é importante salientar que as aulas de produção textual devem pautar-se na concepção de gêneros, sendo estes “os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos” (MARCUSCHI, 2008, p. 155), com o propósito de tornar o aluno eficiente no tocante às práticas de leitura e de escrita. Tais competências são fundamentais para o desenvolvimento social dos discentes no mundo letrado em que estamos inseridos.

3. Um breve panorama sobre o trabalho docente na perspectiva do ISD

O trabalho do professor tem sido alvo de inúmeras discussões na sociedade contemporânea e, conseqüentemente, objeto de pesquisas em áreas de conhecimento como a Linguística Aplicada. Entretanto, a atividade docente só passou a ser considerada como trabalho mais recentemente, uma vez que o trabalho de ordem intelectual tornou-se objeto legítimo de estudo (BRONCKART 2006 apud MACHADO 2007).

Isto posto, pensar em uma conceitualização para o vocábulo *trabalho* implica aceitar as condições sócio-históricas subjacentes ao conceito. Para Bronckart (2004; 2006), o trabalho é entendido como um tipo de atividade própria da espécie humana que decorre do surgimento de formas de organização coletiva de modo que cada membro tenha tarefas e responsabilidades específicas.

Em relação ao trabalho docente, Bronckart (2006) afirma que para que um professor seja bem-sucedido em sua atividade de ensino, não basta o domínio do conteúdo, ele deve saber gerir a aula e seu percurso, em função das expectativas e objetivos institucionalmente prescritos e atentar para as características e reações dos alunos.

Partindo desta perspectiva que busca entender a complexidade do trabalho docente, o ISD alicerçado nas ciências do trabalho, como a Ergonomia e a Clínica da atividade, se apropria não apenas das noções de trabalho, mas das questões de ordem metodológica dessas ciências, elabora uma proposta para a análise do trabalho docente, apresentando as dimensões constitutivas deste. A primeira compreende o **trabalho prescrito**, sendo este “uma representação do que deve ser o trabalho, que é anterior à sua realização efetiva” (BRONCKART, 2006, p.208), ou seja, os documentos que definem e organizam a ação do professor (como os PCNs). A segunda dimensão compreende o **trabalho realizado**, que de acordo com Lousada (2006) pode ser considerado como a atividade que é efetivamente realizada pelo professor em sala de aula, sendo considerado como uma resposta às prescrições.

É a partir dessa proposta de análise do trabalho docente que podemos compreender a complexidade do trabalho educacional e do professor/ trabalhador, visto que esse passa a ser entendido como um ator e não apenas como alguém que executa o que prescrevem, mas como alguém que age na prática, podendo modificá-la. Conforme expõe Tardiff e Lessard (2009 apud MEDRADO, 2011, p.31) “ensinar é agir, ou seja, é interferir no percurso educacional do outro; influenciar; lidar com indivíduos na sua complexidade afetiva, interativa e cognitiva”. Bronckart (2006) usa o termo agir para designar qualquer forma de intervenção orientada do ser humano no mundo. Dessa forma, qualquer trabalho humano pode ser considerado um tipo de agir, cuja estrutura pode ser decomposta em tarefas.

4. Concepções docentes sobre a escrita de gêneros e sua relação com o trabalho prescrito e realizado.

O estudo, ora delineado, está pautado no âmbito da Linguística Aplicada (LA), tendo em vista que possuímos pretensões específicas no que diz respeito à investigação

da prática docente, pois buscamos refletir sobre as concepções de ensino de escrita de gêneros evidenciadas em atividades desenvolvidas em sala de aula.

Como já mencionado anteriormente, a pesquisa tem como objetivo verificar as concepções docentes sobre a escrita de gêneros e sua relação com o trabalho prescrito e realizado. O *corpus* da pesquisa é constituído por uma entrevista concedida por uma professora de escola pública do Município de Fagundes-PB, bem como por atividades planejadas e aplicadas pela docente em turmas de 3º ano do Ensino Médio.

Neste estudo, optamos por um estudo de caso por esse procedimento metodológico permitir uma análise, em profundidade, do evento estudado. De acordo com André (2005), o conhecimento gerado a partir do estudo de caso é diferente do conhecimento gerado a partir de outras pesquisas porque é mais concreto, mais contextualizado, mais voltado para a interpretação do leitor e baseado em populações de referência determinadas pelo leitor. Além disso, a possibilidade de generalização passa a ter menor relevância, pois o interesse se volta para a investigação sistemática de uma instância específica.

Desse modo, cabe explicitar também os procedimentos adotados na coleta dos dados. Assim, após uma conversa informal explicativa sobre a natureza da pesquisa e a sua finalidade, foram feitas perguntas relacionadas à formação da docente, suas concepções sobre gêneros textuais e metodologias adotadas em sala de aula para o ensino de gêneros. Após a entrevista, solicitamos as atividades que a professora trabalhou em sala de aula, que envolvessem a produção de algum texto escrito. Assim, a partir da análise desses dados, compreenderemos as concepções de escrita de gênero que subjazem o trabalho docente.

4.1. As concepções reveladas no dizer da docente sobre o ensino de escrita de gêneros

Ao observar as respostas ofertadas pela docente, no que concerne ao ensino de escrita e a concepção de gênero, foi possível identificar que a mesma depreende a relevância de se trabalhar com os gêneros no ensino de língua materna, visto que esta os concebe como sendo os textos que circulam na sociedade, os quais utilizamos no nosso cotidiano, conforme demonstra o seguinte trecho de sua fala extraído da entrevista:

Eu procuro levar essas noções (*de gêneros textuais*) para sala de aula também e levando esse meu pouco conhecimento que tenho, porque a gente nunca é totalmente consciente da noção de gênero textual, mas eu subentendo de que é todo texto de circulação social, seja ele mais específico, mais voltado pra a questão do jornalismo, como um texto mais livre, como um diálogo, uma carta. Então, todo texto que circula socialmente é subentendido como um gênero textual. (grifos nossos).

Observa-se que a professora apesar de apresentar uma concepção de gêneros, esta não afirma com clareza por acreditar que não possui total consciência deste conceito. Com isto, percebe-se que o dizer da docente reflete, em parte, a problemática que permeia o ensino de gêneros, visto que há diversas correntes teóricas que estudam esta temática e postulam diferentes concepções sobre gêneros, que também implicam em diferentes

metodologias de ensino, conforme expõe Rojo (2005). Dessa forma, é imprescindível que o professor em sua prática tenha bem definida a noção de gênero para que não ocorra uma sobreposição de natureza teórica e metodológica.

Ainda é possível notar, através do dizer da docente, que esta concebe os gêneros como sendo os textos que encontramos nas esferas sociais e que utilizamos em cada situação comunicativa (MARCUSCHI, 2008), oral ou escrita, em contextos diversos, sejam os da esfera jornalística, mais formais e os pessoais como o diálogo, a carta, utilizados em contextos mais informais de uso da língua. Esta concepção sinaliza para um ensino que contempla os gêneros das diferentes esferas comunicativas e práticas sociais de uso da linguagem.

Essa mesma concepção aparece quando a docente aponta para a relevância de se trabalhar com os gêneros em sala de aula, pois de acordo com ela, sendo estes os textos de circulação social, é fundamental que os alunos tenham a consciência de que fazem uso desses gêneros no seu cotidiano. O excerto abaixo explicita a visão docente sobre o trabalho com os gêneros:

É fundamental, por que se é o texto de circulação social, então significa que aquele indivíduo, aquele sujeito, atuante da realidade social, ele vai estar em contato direto com aquele gênero/.../ então, eu acredito que é de suma importância usar essa prática e trazer para sala de aula esse conhecimento, deixar o aluno consciente de que ele usa diariamente esse gênero textual.

Conforme explicitado pela professora, torna-se relevante o ensino de gêneros visto que os alunos fazem uso destes no contexto social. Dessa forma, é imprescindível que a escola proporcione situações de produção que se reportem a práticas sociais e a gêneros textuais que existem de fato, que circulem socialmente e sejam passíveis de serem reconstituídos, ainda que parcialmente, em sala de aula. Também, a partir da fala da docente, podemos perceber que esta atrela a sua prática a concepção de escrita vinculada às práticas sociais, na medida em que se propõe a trazer esse conhecimento, de gêneros que circulem na sociedade, para o espaço da sala de aula. Nesse contexto, aprender a escrever implica não só aprender a compor e construir um texto em termos linguísticos, mas entender por quem, onde, quando, em que condições, com que recursos, e para que fins o texto é escrito. (FIGUEIREDO E BONINI, 2006). Assim, o aluno consegue entender a função comunicativa de determinado gênero e o escreve com a intenção de que outros leiam e compreendam seu texto.

Desse modo, escrever na escola passa a ser visto como um “ensaio” ou mesmo uma “prévia convincente” do que será requerido dos jovens aprendizes no espaço social. Assim sendo, foi a partir da metodologia adotada pela docente, no que concerne ao trabalho com os gêneros, que verificamos as reais dimensões de seu agir sobre a prática. À vista disso, verificamos no excerto a seguir o tratamento dispensado ao gênero na rotina da docente em sala de aula:

Eu trabalho, levo os próprios gêneros textuais. Quando vou dar uma aula sobre resenha, eu levo modelos de resenha, trabalho com os alunos a questão

estrutural, a questão temática, mostro a importância desse gênero para a situação comunicativa que ele exige...

Notamos a partir do dizer da docente que a metodologia adotada está de acordo com o que apontam os PCN de Língua Portuguesa para o ensino de gêneros, como também abordam os aspectos que compõem e caracterizam o gênero, de acordo com a proposta bakhtiniana, que, conforme visto, devem comportar aspectos temáticos, composicional (estrutura) e estilísticos, que os caracterizam como pertencentes a este ou àquele gênero. A docente também atenta para a função social do gênero, na medida em que mostra para o aluno a relevância do gênero em determinado contexto. Dessa forma, é esse caráter situado do trabalho com o gênero que caracteriza a escrita como atividade social.

Dito isso, percebemos que no discurso da docente sobre a sua metodologia de ensino é perceptível a dimensão do trabalho prescrito pelos documentos oficiais, como os PCN. Dessa forma, em seu dizer evidenciam-se as etapas de como proceder no ensino de gêneros.

4.2. O trabalho da docente com a escrita de gêneros evidenciado através da atividade proposta

Sabendo que a escrita é um processo de interlocução entre leitor-texto-autor que se concretiza via gêneros textuais num contexto sócio-historicamente situado (BETH MARCUSCHI, 2010), é imprescindível que ao se tomar o gênero como objeto de ensino o professor atente para as condições de produção e de circulação de cada texto. Visto que ao produzirem textos no espaço extraescolar, os alunos/ autores, mesmo que inconscientemente, levam em consideração aspectos como: *para quem, com que finalidade, sobre o que se escreve*, entre outros aspectos.

Isto posto, ao analisarmos as atividades propostas pela docente³, no que diz respeito à produção de gêneros escritos em turmas de 3º ano médio, foi possível identificar que os encaminhamentos explicitados nas propostas de produção orientam os alunos de modo parcial e pouco satisfatório quanto às condições de produção. Conforme apresentamos no exemplo abaixo:

Tema: A globalização- A informática como instrumento de educação

Estrutura: Artigo de opinião (17 a 30 linhas)

Introdução {- apresentação do tema; - problemática; - tese

Desenvolvimento {- Parágrafo 2- argumento 1+argumentação;

- Parágrafo 3- argumento 2+argumentação

Conclusão {- Parágrafo 4- fechamento das ideias/ retomada do tema+ tese;

- Proposta de intervenção+ tese.

(Proposta de produção elaborada pela docente e exposta no quadro negro)

³ As atividades analisadas nesse artigo foram expostas de acordo com a ordem trabalhada em sala de aula.

É importante dizer que antes de propor a escrita do gênero artigo de opinião, a professora trabalhou o tema *globalização* a partir de uma atividade de leitura do gênero charge, com questões de interpretação do texto e a partir da correção promoveu a discussão do tema com os alunos. Dessa forma, percebemos que há uma correlação entre o tema solicitado e a atividade de leitura proposta, entretanto, o contato com exemplares do gênero a serem produzidos, não foi evidenciado na atividade que precedeu a escrita, sendo priorizado o aspecto temático.

Na atividade de escrita proposta pela docente, verificamos que o caráter estrutural do gênero é evidenciado, passando a ser tratado como um texto de características bem delimitadas, claras e pouco variáveis. Ao atentarmos para as características do gênero em questão, percebemos que este se aproxima do texto dissertativo-argumentativo solicitado no vestibular, pois solicita que o aluno em sua conclusão elabore uma proposta de intervenção, que nem sempre é algo requerido no gênero artigo de opinião.

Isto nos leva a inferir que a prioridade dada a aspectos estruturais do texto, deve-se ao fato de que no ensino médio (principalmente no 3º ano) os conteúdos, atividades e gêneros trabalhados, em sua maioria, são selecionados de acordo com o que é solicitado no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) que hoje é o principal meio de ingresso nas universidades.

Também observamos que aspectos relevantes para a construção do texto como o para quem escrever, com que intenção comunicativa, o contexto de circulação, e as finalidades da atividade de escrita não ficam claras para o aluno. Na atividade em questão, subtende-se que o único leitor presumido será o professor, contradizendo o dizer inicial apresentado pela docente, que afirma trabalhar a situação comunicativa do gênero. Assim, mesmo que o professor oriente os alunos, oralmente, na atividade, como foi o caso, é preciso que, ao elaborar a proposta de produção, tenha-se o cuidado em explicitar essas condições, visto que levam o aluno a compreender a função sociointeracional do gênero.

5. Considerações finais

As reflexões sobre o ensino da escrita de gêneros e o trabalho docente desenvolvidas nesse artigo nos fazem inferir que há distanciamentos entre as noções evidenciadas no dizer da professora e o seu trabalho realizado, através da atividade proposta. A tentativa de explicar as causas desse distanciamento nos leva a criar duas possibilidades, que com a ampliação deste estudo e dos dados, poderemos fornecer subsídios para comprová-las ou refutá-las. A primeira possibilidade é a de que há uma ausência ou pouca clareza do/no planejamento didático, que se constitui como uma ferramenta que o professor pode utilizar para fazer formulações, adequações e escolhas teóricas e metodológicas que melhor atendam ao processo de ensino-aprendizagem no qual está inserido.

A segunda possibilidade diz respeito a fatores externos, relacionados ao cotidiano escolar, que na análise do trabalho docente devem ser considerados, pois interferem diretamente nas práticas de sala de aula, tais como: o calendário escolar, o conteúdo

programático, a dificuldade em fazer com que o trabalho prescrito seja realizado, adaptação das tarefas prescritas à situação real de trabalho para se obter melhores resultados, as dificuldades apresentadas pelos alunos que muitas vezes levam o docente a repensar suas ações. Essas questões externas também são determinantes para o sucesso ou não do trabalho docente.

Dessa maneira, os resultados sinalizam que para que haja uma aproximação entre o que a professora evidencia em seu dizer sobre a escrita de gêneros e sua prática, torna-se fundamental que ao docente sejam proporcionadas oportunidades de ter autonomia sobre sua prática, sendo importante que a mesma elabore seu próprio material didático e planeje suas ações, visto que ao produzir seu material didático o professor pode refletir sobre o processo de ensino e organizar as atividades com vistas à aprendizagem significativa de seus alunos. Essa atividade permite também que o docente (re) signifique seu próprio discurso. Assim, o planejamento pode configurar um espaço para a sua formação continuada.

Referências

- ANDRÉ, M.E.D.A. **Estudo de caso em Pesquisa e Avaliação Educacional**. BrasíliaDF: Liber Livro Editora, 2005.
- BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. 3ª ed. In: **Estética da Criação Verbal**. São Paulo, Martins Fontes, 2000, p. 277-326.
- BRASIL. _____. Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais** (Ensino Médio). Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRONCKART, J.P. **Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: EDUC, 1999.
- _____. **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. São Paulo: Mercado de Letras, 2006.
- DIONÍSIO, Angela. MACHADO, Anna Rachel. BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais e ensino**. 2º ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- FIGUEIREDO, Débora de Carvalho; BONINI, Adair. **Práticas discursivas e ensino de texto acadêmico: concepções de alunos de mestrado sobre a escrita**. Linguagem em (Dis) curso - LemD, Tubarão, v. 6, n. 3, p. 413-446, set./dez. 2006. Disponível em: http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/linguagem-em_discurso/0603/060304.pdf. Último acesso em: 30/jun./2016.
- LOUSADA, Eliane Gouvêa. **Entre o trabalho prescrito e o realizado: um espaço para a emergência do trabalho real do professor**, 2006. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- MARCUSHI, L, A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, Beth. Escrevendo na escola para a vida. In Rangel. E. O. e Rojo, R. H. (orgs.). **Coleção Explorando o ensino** - Língua Portuguesa, Brasília, MEC, Secretaria de Educação Básica, 2010, pp. 65-84.

MACHADO, Anna Rachel; GUIMARÃES, A.M.M. COUTINHO, A. (Orgs.). **O interacionismo Sociodiscursivo**: questões epistemológicas e metodológicas. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

MEDRADO, Betânia Passos; PÉREZ, Mariana (Orgs.). **Leituras do Agir Docente**: a atividade educacional à luz da perspectiva interacionista sociodiscursiva. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In.: MEURER, J.L. BONINI, A. MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.